150 frases de Soren KIERKEGAARD

Um pouco do melhor
do Filósofo da Existência

150 frases de Soren KIERKEGAARD

Um pouco do melhor do Filósofo da Existência

E-BOOK GRATUITO

Livros Amor Scan

150 frases de Soren Kierkegaard: Um pouco do melhor do Filósofo da Existência.

E-BOOK GRATUITO

Organização e edição de S. Reachers.
São Gonçalo (RJ): Amor Scan, 2023.
ISBN 978-65-00-81587-0

Índice

Introdução

Complexo, arguto, irônico, poético, multiplamente genial: Assim foi o dinamarquês, nascido em Copenhague, Søren Aabye Kierkegaard (1813 – 1855).

Ao compreender o peso que se estabelece sobre cada ser humano – a liberdade que exige uma tomada de posição, e ao postular que o mundo interior, subjetivo, era muito mais importante que o exterior, Kierkegaard antecipou temas da psicologia e da filosofia que, doravante, nortearam boa parte dessas disciplinas.

Viveu uma vida reclusa e conturbada, na qual sua profunda percepção da situação angustiante e mais do que isso, absurda do homem – enquanto criatura afastada de seu Criador – lhe infligiram duros pesares.

Seu entendimento profundo do cristianismo o levou a ser um crítico da igreja de seu tempo, pois Kierkegaard, mais do que talvez qualquer homem em séculos antes e depois dele, sabia que a verdadeira vivência da fé cristã era um salto – oneroso ao máximo – dentro do absurdo, salto paradoxal (pois a fé é a superação da racionalidade) que significava a única oportunidade de transcender tal absurdo rumo ao absoluto, e o ápice a que o homem poderia almejar, dentro dos três estágios existenciais propostos pelo pensador: o estético, o ético e o religioso.

Sua vasta obra, desenvolvida através de pseudônimos que dialogam entre si, tem influenciado pensadores e artistas das mais variadas correntes, desde seu advento. Não sem razão ele é considerado o pai do Existencialismo.

Aqui, um pouco do melhor de Kierkegaard.

Frases

1. A vida só pode ser compreendida olhando para trás, mas só pode ser vivida olhando para a frente.

2. Se tivesse de expressar algum desejo meu, eu não diria que anseio pela riqueza nem pelo poder e sim pelo apaixonante sentido da potencialidade: pelo olho que, sempre jovem e ardente, vê o possível. O prazer traz desencantos, a potencialidade nunca. E que vinho há de ser mais espumante, mais fragrante e embriagador que a potencialidade!

3. Arriscar provoca ansiedade, mas não arriscar pode levar a perder-se a própria pessoa... E arriscar-se, no sentido supremo, é justamente tomar consciência de si mesmo.

4. A verdade não deve ser buscada senão na paixão.

5. Sinto, logo sou.

6. A verdade é a subjetividade.

7. Acima de tudo, não se esqueça da obrigação de amar a si mesmo.

8. A personalidade de um homem só está madura quando ele encontra sua própria verdade.

9. Por toda a vida me encontrarei sempre na contradição, porque a vida mesma é contradição.

10. É preciso uma coragem puramente humana para renunciar a toda a temporalidade a fim de obter a eternidade.

11. O homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade.

12. Se houver coragem de ir mais além, se constatará que a então realidade será muito mais leve do que era a possibilidade.

13. O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é o si-mesmo? O si-mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si-mesmo não é a relação, mas a relação se relacionando consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois. Assim considerado, o ser humano ainda não é um si-mesmo.

14. Tal relação que se relaciona consigo mesma, um si-mesmo, deve ou ter

estabelecido a si mesma ou ter sido estabelecida por um outro. Se a relação que se relaciona consigo mesma foi estabelecida por um outro, então a relação é de fato o terceiro, mas esta relação, o terceiro, ainda é uma relação e se relaciona com aquele que estabeleceu a totalidade da relação.

15. O si-mesmo humano é uma tal relação derivada, estabelecida, uma relação que se relaciona consigo mesma e ao relacionar-se consigo mesma se relaciona com um outro. É por isso que podem haver duas formas de desespero propriamente dito. Se o si-mesmo humano tivesse estabelecido a si mesmo, então poderia haver apenas uma forma: não querer ser si mesmo, querer livrar-se de si mesmo, mas não poderia haver a forma: desesperadamente querer ser si mesmo. Esta segunda formulação é especificamente a expressão para a completa dependência da relação (do si-mesmo), a expressão para a inabilidade do si-mesmo de alcançar ou estarem equilíbrio

e repousar por si mesmo, mas somente, relacionando-se consigo mesmo, se relacionando com o que estabeleceu a totalidade da relação.

16. Desespero é a relação desequilibrada na relação de uma síntese que se relaciona consigo mesma.

17. O si-mesmo é síntese onde o finito é o que limita e o infinito é o que expande. O desespero da infinitude é, portanto, o fantástico, o ilimitado.

18. A fórmula que descreve o estado do si-mesmo quando o desespero é completamente erradicado é esta: relacionando-se consigo mesmo e querendo ser si mesmo, o si-mesmo descansa transparentemente no poder que o estabeleceu [Deus].

19. A imaginação é a possibilidade de toda e qualquer reflexão; a intensidade deste

medium é a possibilidade de intensidade do si-mesmo.

20. A primeira coisa a entender é que você não entende.

21. Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder-se.

22. O casamento feliz é e continuará a ser a viagem de descoberta mais importante que o homem jamais poderá empreender.

23. O cômico é sempre a marca da maturidade. Mas é vital que alguma nova emoção esteja pronta para brotar por baixo e que a mera força da comédia não sufoque esse *pathos* crescente. Deveria, ao contrário, servir para indicar que um novo *pathos* está começando.

24. Deve-se ferir mortalmente a esperança terrena – só então é que nos salvamos pela esperança verdadeira.

25. A maioria dos homens persegue o prazer com tanta impetuosidade que passa por ele sem vê-lo.

26. Oh, no mundo muito se fala de traição e de infidelidade, e oxalá quisesse Deus melhorar isso, pois infelizmente é muito verdadeiro, mas não nos esqueçamos jamais, por causa disso, que o traidor mais perigoso de todos é aquele que cada homem traz dentro de si. Esta traição, quer se trate de se amar de maneira egoísta, quer se trate de egoisticamente não se amar de maneira certa, esta traição é certamente um segredo; por causa dele ninguém se alarma como por causa da traição e da infidelidade; mas será que por isso mesmo não seria importante sempre de novo recordar a doutrina do Cristianismo: de que um homem deve amar o seu próximo como a si mesmo, isto é, como ele deve amar a si mesmo?

27. Um incêndio se dá no interior de um teatro. O palhaço sobe no palco para avisar o público; eles pensam que é uma piada e aplaudem. O palhaço repete e é aplaudido com mais entusiasmo. É como eu penso que o mundo chegará ao seu fim: sendo aplaudido por testemunhas que acreditam que tudo não passa de uma piada.

28. As pessoas exigem a liberdade de expressão como uma compensação pela liberdade de pensamento que elas raramente usam.

29. A vida não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser experimentada.

30. A forma mais comum de desespero é não ser quem você é.

31. O que me rotula, me nega.

32. O estado mais doloroso do ser é lembrar o futuro, particularmente o que você nunca terá.

33. O cristianismo começa com a doutrina do pecado.

34. Todas as outras religiões são indiretas: o fundador fica de lado e apresenta outro orador... o cristianismo é a única que possui um discurso direto.

35. Ai daquele que sabe: há de pagar pela culpa de ter sabido pouco.

36. Só quem já se modificou pode modificar os outros.

37. És uma mulher em trabalho de parto: quanto mais procuras retardar o momento de dares a luz, tanto mais continuas na dor. O que temes afinal? Não é a um outro ser que farás nascer, mas a ti mesmo.

38. Deixemos livremente aos sábios o privilégio de nunca se contradizer.

39. A porta da felicidade se abre para dentro, é preciso recuar um pouco para abri-la: se empurra, fecha cada vez mais.

40. Em nada a infidelidade é mais ignóbil e asquerosa do que no amor.

41. Todo relacionamento amoroso tem que ser vivido de forma que depois seja fácil para nós guardarmos uma memória que contenha toda a beleza.

42. A fé é a mais elevada paixão de todos os homens.

43. A fé é a paixão pelo possível e a esperança é a companheira inseparável da fé.

44. Fé significa precisamente a inquietude profunda, forte, bem-aventurada, que impulsiona o crente, para que ele não possa

aquietar-se neste mundo, de modo que se ele se aquietou completamente também cessou de ser um crente; pois um crente não pode assentar-se calmamente, tal como a gente se assenta com o cajado na mão, um crente caminha adiante.

45. A fé enxerga melhor no escuro.

46. A fé é um absurdo. Seu objeto é extremamente improvável, irracional e para além do alcance de qualquer argumento... Suponhamos que alguém decida que quer adquirir fé. Acompanhemos essa comédia. Ele quer ter fé, mas ao mesmo tempo também quer ter a certeza de que está dando o passo certo – então empreende um exame objetivo da probabilidade de estar certo. E o que acontece? Por meio desse exame objetivo da probabilidade, o absurdo torna-se algo diferente: torna-se provável, cada vez mais provável, extremamente provável, absolutamente provável. Agora essa pessoa está pronta para acreditar e diz a si mesma

que não acredita da mesma maneira que os homens comuns, como sapateiros ou alfaiates, mas apenas depois de ter pensado toda a questão de forma adequada e compreendido sua probabilidade. Agora está pronta para acreditar. Mas vejam, nesse exato momento torna-se impossível para ela acreditar. Algo que é quase provável, possível ou extrema e absolutamente provável é algo que a pessoa pode quase conhecer, praticamente conhecer ou bem aproximadamente conhecer – mas é impossível crer. Pois o absurdo é objeto de fé e o único objeto que pode ser crível.

47. A fé não resulta da investigação científica; não tem de todo uma origem direta. Pelo contrário, nesta objetividade há a tendência para perder o interesse pessoal infinito pela paixão que é a condição da fé, o *ubique et musquam* [lat.: por toda parte e em nenhum lugar] no qual a fé pode brotar.

48. A incerteza objetiva, sustentada na apropriação da mais apaixonada interioridade é a verdade, a mais alta verdade que há para um existente. Lá onde o caminho se desvia (e onde é esse ponto não se pode estabelecer objetivamente, pois ele é, precisamente, a subjetividade), o saber objetivo é suspenso. Objetivamente ele tem, então, apenas incerteza, mas é exatamente isso que tensiona a infinita paixão da interioridade, e a verdade é justamente a ousada aventura de escolher, com a paixão da infinitude, o que é objetivamente incerto. Observo a natureza a fim de encontrar Deus e, de fato, vejo onipotência e sabedoria, mas vejo também muita outra coisa que preocupa e perturba. A *summa summarum* [lat.: soma total] disso é a incerteza objetiva, mas precisamente por isso a interioridade é tão grande, porque a interioridade abrange a incerteza objetiva com toda paixão da infinitude.

49. Sem risco não há fé. Fé é justamente a contradição entre paixão infinita da

interioridade e a incerteza objetiva. Se eu posso apreender objetivamente Deus, então eu não creio; mas, justamente porque eu não posso fazê-lo, por isso tenho de crer; e se quero manter-me na fé, tenho de constantemente cuidar de preservar na incerteza objetiva, de modo que, na incerteza objetiva, eu estou sobre “70.000 braças de água”, e contudo creio.

50. Com efeito, a fé tem duas tarefas: vigiar e descobrir a cada momento a improbabilidade, o paradoxo, para então, com a paixão da interioridade, permanecer firme. […] Onde o entendimento desespera, lá a fé já está presente, a fim de tornar o desespero bem decisivo, para que o movimento da fé não se torne uma transação dentro da esfera de negociações do entendimento.

51. O cristianismo ensina que tudo o que é essencialmente cristão depende somente da fé; quer, portanto, ser precisamente uma ignorância socrática e com temor de Deus

que por meio da ignorância guarda a fé contra a especulação, vigiando para que o abismo da diferença qualitativa entre Deus e o homem possa ser mantido como é no paradoxo e na fé, a fim de que Deus e o homem, ainda mais terrivelmente do que nunca no paganismo, não se transformem de algum modo, *philosphice*, *poetice* [filosoficamente, poeticamente], numa unidade — no sistema.

52. Tenho que confessar que jamais encontrei, no curso de minhas observações, um só exemplar autêntico do cavaleiro da fé, sem com isso negar que talvez um homem em cada dois o seja...

53. Não é permitido a ninguém fazer acreditar aos outros que a fé tem pouca importância ou que é coisa fácil, quando é, pelo contrário, a maior e a mais penosa de todas as coisas.

54. O verdadeiro cavaleiro da fé é uma testemunha, nunca um mestre.

55. Enquanto que até agora a fé teve na incerteza um pedagogo proveitoso, ela deveria ter seu maior inimigo na certeza. De fato, se se exclui a paixão, a fé deixa de existir, e certeza e paixão não se atrelam juntas.

56. Para quem serve a demonstração? A fé não precisa dela, pode até mesmo considerá-la sua inimiga. Ao contrário, quando a fé começa a se envergonhar de si mesma; quando, como uma amante que não se contenta com amar, mas que no fundo se envergonha de seu amado e por isso precisa provar que ele é algo de notável; portanto, quando a fé começa a perder a paixão; portanto, quando a fé começa a deixar de ser fé, aí a demonstração se torna necessária para que se possa desfrutar da consideração burguesa da descrença.

57. Pobre, incompreendida, maior de todas as paixões: fé.

58. Só por um momento pode um indivíduo particular existente estar numa unidade de *infinito* e *finito* que transcende o existir. Este momento é o *instante* da paixão.

59. Heroísmo cristão, que em verdade é visto bem raramente, consiste em arriscar completamente tornar-se si mesmo, um ser humano individual, este ser humano individual específico, completamente só diante de Deus, sozinho neste enorme esforço e nesta enorme responsabilidade.

60. Ao nascer, fazemo-nos ao mar com ordens lacradas.

61. Como toda filosofia começa pela dúvida, assim também inicia pela ironia toda vida que se chamará digna do homem.

62. A filosofia exige sempre alguma coisa a mais, exige o eterno, o verdadeiro, frente ao qual mesmo a existência mais sólida é,

enquanto tal, o instante afortunado. Ela se relaciona com a história como o confessor com o penitente, e deve, como um confessor, ter um ouvido afinado, pronto para seguir as pistas dos segredos daquele que se confessa; mas ela também está em condições de, após ter escutado toda a série de confissões, fazê-las aparecer diante do que confessa como uma coisa diferente.

63. Antes de explodir uma epidemia de cólera, aparece em geral uma espécie de moscas que não se vê em outras ocasiões [...] Não seriam esses pensadores puros de contos de fadas o sinal de que uma desgraça para a humanidade está iminente, que ela está, por exemplo, em perigo de perder o sentido do ético e do religioso? Vamos, pois, ser prudentes diante de um pensador abstrato que não quer ficar apenas no ser puro da abstração, mas quer que isto seja para o homem o que há de mais alto, e que esse tipo de pensamento que leva ao olvido do ético e à ignorância do

religioso seja o mais elevado pensamento humano.

64. O propósito da minha vida pareceria ser a expressão da verdade à medida que a descubro, mas de tal modo que fica completamente despojada de autoridade. Não tendo autoridade, sendo visto por todos como extremamente não confiável, expresso a verdade e deixo todos numa posição contraditória em que só se podem salvar tornando sua a verdade.

65. Quando examinamos a questão da verdade de maneira objetiva, nosso pensamento dirige-se objetivamente para a verdade e esta é considerada como um objeto ao qual se relaciona o pensador. No entanto, nosso pensamento não se concentra na relação mas, ao contrário, em saber se é a verdade à qual o pensador se relaciona. Se o objeto ao qual se relaciona é a verdade, supõe-se que ele conhece a verdade. Quando consideramos a verdade de maneira subjetiva, nosso pensamento se

concentra subjetivamente na natureza da nossa relação (isto é, não naquilo a que se relaciona). Se essa relação mesma é verdadeira, subjetivamente conhecemos a verdade, mesmo que o objeto efetivo dessa relação não seja verdadeiro.

66. A subjetividade, a interioridade, é a verdade – essa é a minha tese.

67. A filosofia está bem certa quando afirma que a vida deve ser entendida em retrospecto. Mas nos esquecemos do outro princípio, de que deve ser vivida para adiante. Quando analisamos este último princípio, inevitavelmente chegamos à conclusão de que a vida no tempo jamais pode ser adequadamente entendida – porque nenhum momento que se vive pode adquirir a completa quietude necessária para essa orientação retrospectiva.

68. Todos esses seres humanos excepcionais, tão poucos e espalhados pelos séculos com tamanha distância entre

si, fizeram cada um à sua época um juízo sobre a “humanidade”. Segundo um deles, o homem é um animal. Segundo outro, é um hipócrita. Para um terceiro, um mentiroso. E assim por diante.

Talvez não erre muito o alvo se disser que ele é um tagarela – e estimulado pelo dom da fala, aliás.

Com a ajuda da fala todo mundo participa do mais alto – mas participar do mais alto com a ajuda da fala e, ao fazê-lo, dizer bobagem é zombaria igual a participar de um banquete real como espectador, das galerias.

Se eu fosse pagão, diria: uma divindade irônica conferiu à humanidade o dom da fala para se divertir observando semelhante auto-ilusão.

Claro que, de um ponto de vista cristão, Deus deu à humanidade o dom da fala por amor, assim tornando possível a todos ter uma verdadeira compreensão do mais alto – ó, com que pesar Deus deve ver o resultado!

69. Se a ciência fosse desenvolvida no tempo de Sócrates como é hoje, os sofistas e aqueles que pretendiam ensinar filosofia teriam sido cientistas. Teriam pendurado microscópios nas portas para atrair negócios e colocado avisos anunciando: "Aprendam e vejam num poderoso microscópio como a humanidade pensa." (E ao ler esse anúncio, Sócrates teria dito: "É exatamente assim que se comportam os homens que não pensam.").

70. A raça humana deixou de temer a Deus. Depois disso, veio o castigo: passou a temer a si mesma, a ansiar pelo fantasmagórico, e agora treme diante dessa criatura de sua própria imaginação.

71. [...] Como quando uma pessoa se equivoca e chama de amor o que propriamente é amor de si: quando solenemente assegura que não pode viver sem a pessoa amada, mas não quer ouvir falar de que a tarefa e a exigência do amor

consiste em renunciar a si mesmo e abandonar este amor sensual de si mesmo.

72. Sem pecado não há sexualidade. Sem sexualidade não há história.

73. Toda a observação não é meramente um receber, um constar, antes [é] ao mesmo tempo um produzir.

74. O desespero mais comum é não escolhermos ou não podermos ser nós mesmos, mas a forma mais profunda de desespero é escolhermos ser outra pessoa ao invés de nós mesmos.

75. Enquanto o pensamento abstrato tem por tarefa compreender abstratamente o concreto, o pensador subjetivo, ao contrário, tem por tarefa compreender concretamente o abstrato.

76. O desespero é uma doença do espírito, do eu, e por isso pode assumir três formas: o desespero por não se ter consciência de

ser um eu; o desespero pelo desejo de não ser um eu próprio; o desespero pelo desejo de ser um eu próprio.

77. A busca da essência não é senão um artifício dos homens que tratam de ruir com a realidade esquematizando-a; o pensamento não possui validade se não se tem em conta quem o pensa; as generalizações são apenas modos de esconder os verdadeiros problemas que são sempre individuais e únicos.

78. Existir significa 'escolher', mas isso não representa a riqueza, mas a miséria do homem. Sua liberdade de escolha não é sua grandeza, mas seu drama permanente. De fato, ele sempre se depara com a alternativa de uma 'possibilidade de sim' e uma 'possibilidade de não', sem possuir qualquer critério seguro. E tateando no escuro numa posição instável de indecisão permanente.

79. Ouça o choro de uma mulher em trabalho de parto, no momento em que está a dar à luz – olhe para a luta do homem moribundo, em seus últimos estertores, e então me diga se algo que começa e termina assim pode ser planejado para diversão.

80. A melhor prova da miséria da existência é aquela que pode ser obtida considerando sua glória.

81. Do ponto de vista religioso, o maior perigo é que não se descubra, que nem sempre se descubra, que se corre perigo.

82. O trágico é que dois amantes não se entendem; o cômico é que dois que não se entendem se amam.

83. A verdadeira oração é uma luta com Deus onde se triunfa pelo triunfo de Deus.

84. Quando não se ora, o espírito está no céu e o corpo humano na terra, e a distância

é muito grande. Mas quando se ora, o espírito e o corpo humano estão muito perto um do outro e não existe, portanto, intervalo que se possa designar como campo de batalha.

85. Talvez fosse melhor, especialmente no que diz respeito aos mais educados (pois é mais fácil para os pobres, miseráveis e simples de orar), se a permissão para orar custasse algo – então talvez houvesse uma grande demanda por ela.

86. Não importa o quão fundo um indivíduo tenha se afundado, ele pode afundar ainda mais, e esse 'pode' é o objeto de ansiedade.

87. No íntimo de cada ser humano ainda vive a ansiedade pela possibilidade de estar sozinho no mundo, esquecido por Deus, esquecido pelos milhões e milhões nesta enorme casa.

88. Aquele que sabe calar-se descobre um alfabeto que tem tantas letras como o que se usa em geral, de modo que conseguirá expressar tudo na sua linguagem codificada, e não há suspiro, por mais fundo, para o qual não tenha um riso correspondente na linguagem codificada, e não há pedido, por mais insistente, para o qual não tenha a sutileza capaz de responder à solicitação.

89. Toda a vida terrena é uma espécie de mal-estar. Se alguém perguntar a razão para isso, primeiro pergunta-se a ele como organizou sua vida; assim que o disser, responde-se: "aí está a razão". Se outro perguntar a razão, age-se da mesma forma e, quando disser o contrário, responde-se: "eis a razão" — e vai-se embora com ares importantes, como se tivesse explicado tudo, até dobrar a esquina, e então sai correndo e desaparece. Ainda que me dessem dez moedas de prata, eu não assumiria a responsabilidade de resolver o enigma da existência.

90. É isso o que importa na educação, não a criança aprender isso ou aquilo, mas a alma amadurecer, a energia ser despertada. Você costuma dizer que é magnífico ser inteligente, e quem negaria que isso importa? Mas quase acredito que, se quiserem, chegarão a ela com seus próprios meios. Dê a um homem energia e paixão, e ele é tudo.

91. A possibilidade do indivíduo vagueia sem rumo dentro de sua própria possibilidade.

92. Aquele, porém, que não compreende que a vida é uma repetição e que essa é a beleza da vida, esse condenou-se a si mesmo e não merece melhor fim do que o que lhe acontecerá, ou seja, sucumbir; porque a esperança é um fruto sedutor que não satisfaz, a recordação é um pobre viático que não satisfaz; mas a repetição é o pão de cada dia que abençoadamente satisfaz. Se um indivíduo circum-navegou a

existência, tornar-se-á evidente se tem coragem para entender que a vida é uma repetição e desejo suficiente para com ela se regozijar. Aquele que não circum-navegou a vida antes de começar a viver nunca chegará a viver; aquele que a circum-navegou, e, porém, ficou satisfeito, tinha uma fraca constituição; aquele que escolheu a repetição, esse vive. Não corre como um rapaz atrás de borboletas, nem se põe em bicos de pés para vislumbrar as maravilhas do mundo, pois que as conhece; nem se senta como uma velha mulher fiando na roca da recordação; antes avança calmamente pelo seu caminho, contente da repetição. Sim, se não houvesse a repetição, o que seria a vida? Quem poderia desejar ser uma ardósia na qual o tempo inscrevesse a cada instante um novo texto, ou ser um memorial de coisas passadas? Quem poderia desejar deixar-se mover por tudo o que é efêmero, pelo novo, que constantemente entretém a alma, amolecendo-a? Se o próprio Deus não tivesse querido a repetição, o mundo nunca

teria surgido. Deus teria seguido os planos superficiais da esperança, ou teria voltado a retirar todas as coisas e tê-las-ia preservado na recordação. Não o fez, por isso continua a haver mundo, e continua a haver pelo fato de ser repetição. A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. Aquele que quer a repetição amadureceu em seriedade. Esta é a minha declaração de voto [...].

93. Todo ser humano é das mãos de Deus – uma edição original.

94. Como noiva, a mulher é mais bonita do que como jovem; como mãe, mais bonita do que como noiva.

95. Coragem é a única medida de vida.

96. Tudo que é importante não é mensurável.

97. O tirano morre e seu governo acaba, o mártir morre e seu governo começa.

98. No seu nível mais profundo, o amor é uma expressão da vontade de viver.

99. Amar as pessoas é a única coisa pela qual vale a pena viver.

100. Aquilo que o homem natural chama amor é, do ponto de vista cristão, amor próprio.

101. Quando no coração vive a inveja, o olhar tem então poder para extrair o impuro até do que é puro; mas quando no coração vive o amor, o olhar tem então poder para amar o bem no que é impuro; mas este olhar não olha para o impuro, antes para o puro que ele ama e faz crescer por via de o amar. Sim, há um poder neste mundo que na sua língua traduz o bem para o mal, mas há um poder vindo de cima que traduz o mal para o bem — é o amor que esconde uma multidão de pecados.

102. "Tu deves amar". Só quando amar é um dever, só então o amor está eternamente assegurado contra qualquer mudança; eternamente libertado em bem-aventurada independência; protegido eterna e felizmente contra o desespero.

103. A mais medíocre de todas as defesas contra a hipocrisia é a sagacidade, ela quase não protege, antes constitui uma perigosa proximidade; a melhor de todas as defesas contra a hipocrisia é o amor, sim, este, além de ser uma defesa, é um abismo escancarado, desde toda eternidade ele nada tem a ver com a hipocrisia. Aí temos mais um fruto pelo qual se reconhece o amor: ele preserva o amoroso de cair nas ciladas do hipócrita.

104. [Porém,] a Deus tu deves amar em obediência incondicional, mesmo que aquilo que Ele exige de ti possa parecer ser para ti algo danoso, sim, danoso até para a Sua própria causa; pois a sabedoria divina não tem relação de comparação com a tua,

e a providência divina não tem obrigação de prestar contas à tua inteligência; tu só tens que obedecer, amando.

105. Enganar-se a si mesmo *quanto* ao amor, é o mais horrível, é uma perda eterna, para a qual não há reparação nem no tempo nem na eternidade. Pois nos outros casos, por mais diversos que sejam, em que se fala do ser enganado no amor, o enganado se relaciona mesmo assim com o amor, e o engano consiste apenas em que o amor não estava onde se acreditava estar; aquele, porém, que se engana a si mesmo excluiu-se a si mesmo e excluiu-se do amor. Também se fala de alguém ser enganado pela vida ou na vida; mas para aquele que numa autoilusão enganou a si mesmo quanto à vida, a perda é irreparável. Mesmo aquele que ao longo de toda sua vida foi enganado pela vida, pode receber da eternidade uma copiosa reparação; mas o que se enganou a si mesmo impediu a si mesmo de conquistar o eterno. Aquele que, exatamente por seu amor, tornou-se uma

vítima do engano humano, oh, o que é mesmo que terá perdido, quando se mostrar na eternidade que o amor permanece, depois que cessou o engano! Aquele, porém, que engenhosamente enganou a si mesmo, caminhando sagazmente para a armadilha da sagacidade, ai, mesmo que durante toda a sua vida se considerasse feliz em sua ilusão, o que não terá ele perdido, quando na eternidade se mostrar que ele se enganou a si mesmo! Pois na temporalidade talvez um homem consiga prescindir do amor, talvez tenha êxito em evadir-se ao longo do tempo sem descobrir o autoengano, talvez tenha sucesso no mais terrível – numa ilusão, orgulhoso de permanecer nela; mas na eternidade ele não pode prescindir do amor, e não pode deixar de descobrir que pôs tudo a perder.

106. Pois o que vincula o temporal e a eternidade, o que é, senão o amor, que justamente por isso existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou. Mas

justamente porque o amor é assim o vínculo da eternidade, e justamente porque a temporalidade e a eternidade são de natureza diferente, justamente por isso o amor pode parecer um fardo para a sagacidade terrena da temporalidade, e por isso na temporalidade pode parecer ao homem sensual um imenso alívio lançar para longe de si este vínculo da eternidade.

107. Cada árvore se conhece pelo seu fruto, e assim também o amor pelo seu próprio fruto, e o amor do qual fala o Cristianismo, por seu fruto próprio: pois que ele tem em si a verdade da eternidade! Todo outro amor, quer ele, falando humanamente, perca logo suas pétalas e se transforme, quer ele se conserve amorosamente nas estações da temporalidade: não deixa de ser efêmero, apenas floresce. É isso justamente o frágil e o melancólico nele, quer floresça por uma hora, quer por setenta anos; mas o amor cristão é eterno. Por isso a ninguém ocorreria dizer do amor cristão que ele floresce; a nenhum poeta,

caso ele se compreenda, ocorreria cantar este amor. Pois o que o poeta deve cantar tem de possuir a melancolia que é o enigma da sua própria vida: deve florescer, ai, e deve perecer. Mas o amor cristão permanece, e justamente por isso ele é; porque o que perece floresce, e o que floresce perece, mas aquilo que é não pode ser cantado, deve ser crido e ser vivido.

108. De onde vem o amor, onde está sua origem e sua fonte, onde é o lugar que constitui seu paradeiro, do qual ele provém? Sim, este lugar é oculto ou está no oculto. Há um lugar assim no mais Íntimo do homem, deste lugar procede a vida do amor, pois "do coração procede a vida" (Provérbios 4.23). Mas não consegues ver este lugar; por mais que tu penetres, a origem se esquiva na distância e no ocultamento; mesmo quando tiveres penetrado no mais profundo, a origem parece estar sempre um pouco mais profunda, assim como a origem da fonte, que justamente quando estás mais próximo

se afasta ao máximo. Deste lugar procede o amor, por múltiplos caminhos; mas por nenhum desses caminhos podes penetrar na sua gênese oculta. Como Deus mora numa luz da qual emana cada raio que ilumina o mundo, enquanto porém ninguém pode penetrar por esses caminhos para ver a Deus, pois os caminhos da luz se transformam em escuridão quando a gente se volta contra a luz; assim também mora o amor no ocultamento, ou mora ocultamente no mais íntimo. Tal como o manancial da fonte atrai pela persuasão de seu murmúrio cantarolante, sim, quase pede ao homem que vá por este caminho e não pretenda indiscretamente remontar para encontrar a sua origem e revelar o seu mistério; tal como os raios do sol convidam o homem a contemplar, com seu auxílio, a magnificência do mundo, mas advertindo castigam o temerário com a cegueira quando este se volta indiscretamente e atrevido para descobrir a origem da luz; tal como a fé, acenando, se oferece ao homem como companheira de viagem no caminho

da vida, mas petrifica o atrevido que se volta para compreender abusadamente; assim também é o desejo e o pedido do amor que a sua origem escondida e a sua vida oculta no mais íntimo permaneçam um segredo, que ninguém curiosa e abusadamente queira invadir importunando para ver o que afinal não pode ver, mas que com sua indiscrição bem pode pôr a perder da alegria e da bênção. É sempre o sofrimento mais doloroso quando o médico é obrigado a cortar e a avançar até as partes mais nobres e mais ocultas do corpo humano; assim também é o sofrimento mais doloroso e também o mais prejudicial quando alguém em vez de se alegrar com o amor em suas manifestações quer alegrar-se em esquadrinhar o amor, quer dizer, perturbá-lo.

109. Lá onde o puramente humano quer precipitar-se para a frente, o mandamento [*tu deves amar*] retém; lá onde o puramente humano quer perder a coragem, o mandamento reforça; lá onde o

puramente humano quer declarar-se cansado e experiente, o mandamento inflama e dá sabedoria. O mandamento consome e incendeia o que há de malsão em teu amor, mas graças ao mandamento tu deves, por tua vez, inflamar aquele que, humanamente falando, quer ceder. Lá onde achas que podes facilmente te orientar sozinho, toma o mandamento para te orientar; lá onde desesperadamente queres te orientar, deves tomar o mandamento para te orientar; mas lá onde não sabes te orientar, o mandamento deve então orientar-te de modo que tudo acabe ficando bem.

110. Pois é o amor cristão que descobre e sabe que o próximo existe e – o que dá no mesmo – que cada um é o próximo. Se amar não fosse um dever, também não haveria o conceito do próximo; mas só se extirpa o egoístico da predileção e só se preserva a igualdade do eterno quando se ama o próximo.

111. O amor natural é definido pelo objeto, a amizade é definida pelo objeto, só o amor ao próximo é definido pelo amor.

112. O amor verdadeiro é o da auto-abnegação. Mas o que é a auto-abnegação? Ela consiste precisamente em se renunciar ao instante e ao instantâneo.

113. Pela auto-abnegação um homem adquire a possibilidade de ser um instrumento, na medida em que interiormente ele se aniquila diante de Deus; pelo desinteresse abnegado, ele se aniquila exteriormente e se transforma num servo inútil; no interior, ele não se torna importante aos próprios olhos, pois ele não é nada; no exterior, ele também não se torna importante, pois ele não é nada; ele não é nada diante de Deus – e ele jamais esquece que está diante de Deus – onde quer que ele esteja.

114. Pois amoroso é: no amor pela verdade e pelos seres humanos, dispor-se a fazer

qualquer sacrifício para anunciar o que é verdadeiro, e em contrapartida não querer sacrificar a mínima parcela do que é verdadeiro.

115. A vida de um poeta começa em conflito com toda a existência.

116. Caso alguém ache que é cristão e no entanto fica indiferente frente ao fato de sê-lo, verdadeiramente ele não o é. Ou como iríamos então julgar sobre um ser humano que assegurasse estar enamorado e ao mesmo tempo garantisse que isso lhe era indiferente?

117. É mais fácil se tornar um cristão quando não se é um do que se tornar um cristão quando já é um.

118. O trágico e o cômico são a mesma coisa, na medida em que ambos indicam a contradição, mas o trágico é a contradição sofredora, o cômico a contradição indolor.

119. Esforço contínuo é a expressão para a concepção de vida ética do sujeito existente.

120. Todo conhecimento verdadeiro começa com um profundo entristecimento consigo mesmo.

121. A adversidade une os homens e produz beleza e harmonia nos relacionamentos da vida, assim como o frio do inverno produz os cristais de gelo nas vidraças, que desaparecem com o calor.

122. Até que o homem tenha se tornado tão completamente infeliz, ou tenha compreendido tão profundamente a miséria da vida que ele seja levado a dizer, com sinceridade: A vida para mim não tem valor – até então ele não é capaz de fazer uma oferta pelo cristianismo.

123. O eu só pode realizar-se relacionando-se com Deus.

124. Se um árabe no deserto descobrisse de repente uma fonte em sua tenda, e assim pudesse sempre ter água em abundância, quão afortunado ele se consideraria...
Assim também, quando um homem, que tem um ser físico, está sempre voltado para fora, pensando que sua felicidade está fora dele, finalmente se volta para dentro e descobre que a fonte está dentro dele – para não mencionar sua descoberta de que a fonte é sua relação com Deus.

125. Em cada linha do evangelho preocupado é fácil reconhecer que o discurso não é para os sadios, para os fortes, não é para os afortunados, porém para os angustiados; ó, é tão perceptível que a boa nova faz, ela mesma, o que ela diz que Deus faz, acolhe para si os aflitos e assume o cuidado deles – da maneira correta.

126. Dependência de Deus é a única independência, pois Deus não tem peso, só o tem o terreno e especialmente os

tesouros terrenos; aquele, então, que é de todo dependente dEle, é leve.

127. A própria arte está a serviço da impaciência; sempre mais impacientemente ensina a condensar a multidão das distrações no instante fugaz: quanto mais cresce esta sagacidade, tanto mais ela trabalha contra si mesma, já que se mostra que a distração constantemente durará por um tempo cada vez mais curto, à medida que a arte cresce.

128. Ser espírito, esta é a glória invisível do ser humano. Quando então o aflito lá fora no campo fica parado, cercado de todas as testemunhas, quando cada uma das flores lhe diz: lembra-te de Deus! aí o homem responde: Já vou fazê-lo, minhas criancinhas, vou adorá-Lo, isto vocês, coitadinhas, não podem. Aquele que paira de pé é portanto um adorador. O andar ereto era a distinção, mas o poder prostrar-se adorando é contudo o mais glorioso; e toda a natureza é como este grande serviço

que lembra ao homem, ao dominador, de adorar a Deus. É isto que se espera, não que o homem venha e assuma o domínio, que também é glorioso e lhe está atribuído, mas que ele adorando deva louvar o Criador, o que a natureza não faz, pois esta só pode lembrá-lo de fazer isto. É glorioso estar vestido como o lírio; mais glorioso ainda é ser o dominador que paira de pé; mas o mais glorioso de tudo é nada ser, ao adorar.

129. Deus faz-se homem [em Cristo] por amor e diz-nos: "Vede o que é ser homem".

130. Trabalhar é a perfeição do ser humano. Trabalhando, o homem se assemelha a Deus, que afinal também trabalha. E quando então um homem trabalha para comer, não diremos tolamente que ele alimenta a si mesmo, antes diremos, justamente para lembrarmos de como é glorioso ser um homem: ele trabalha com Deus pela comida. Ele trabalha com Deus, portanto, ele é colaborador de Deus.

131. O engenhoso pagão disse: Dá-me um ponto lá fora e eu moverei a terra; o nobre disse: Dá-me um grande pensamento; oh, a primeira coisa não se deixa fazer, e a segunda não adianta o bastante. Só há uma única coisa que pode ajudar, mas esta não pode ser dada por um outro alguém: crê, e transportarás montanhas!

132. Há entre o céu e a terra apenas um único caminho: seguir após Cristo; tanto no tempo quanto na eternidade só há uma escolha, uma única escolha: escolher este caminho; só há na terra uma única esperança eterna: seguir após Cristo até o céu. Há na vida uma única alegria bem-aventurada: seguir após Cristo; e na morte uma única última alegria bem-aventurada: seguir após Cristo para a vida.

133. É bem conhecido que Cristo usa continuamente a expressão "imitadores". Ele nunca diz que pede admiradores, admiradores que adoram, adeptos; e, quando Ele usa a expressão "seguidor",

sempre o explica de tal forma que se perceba que "imitadores" se entende por Ele, que não são adeptos de um ensinamento, mas imitadores de uma vida.

134. Quando não há perigo, quando há uma calmaria, quando tudo é favorável ao cristianismo, é muito fácil confundir um admirador com um seguidor, e isso pode acontecer muito silenciosamente; o admirador pode morrer na ilusão de que a posição que tomou era a verdadeira.

135. O que o espírito de poupança pode fazer de um tostão, assim o ânimo manso é forte em amiudar e com isto tornar leve o pesado.

136. Não há espelho mais exato que o desejo.

137. Sofrer é só uma vez; vencer é para a eternidade.

138. Tudo o que um homem sabe sobre o eterno está eminentemente incluído no seguinte: é Deus quem dispõe; pois o que um ser humano vem a saber concerne o *como* Deus dispôs, ou dispõe, ou há de dispor. Mas esta verdade eterna se exprime na linguagem da obediência do seguinte modo: deixar Deus dispor. É uma única e mesma coisa, só que na obediência ouve-se o Sim cheio de confiança, humilde, reforçando a devoção. Se o temor de Deus é o início da sabedoria, então o aprender a obediência é a plenitude da sabedoria, é ser promovido na sabedoria ao ser formado para o eterno. Sim, se alguma vez, disciplinado pelos sofrimentos, tu te submeteste em completa, incondicional obediência: então também percebeste o eterno presente em ti, encontraste repouso eterno e descanso. Pois onde está o eterno, ali há repouso; mas há agitação onde o eterno não está. Há agitação no mundo, mas acima de tudo há agitação na alma de um homem, quando o eterno não está nela, e ele somente "se farta na agitação". Mas

se as distrações, aparentando expulsá-la, a aumentam: assim os sofrimentos, aparentando aumentá-la, hão de expulsá-la. A seriedade rigorosa dos sofrimentos é primeiramente como uma disciplina que aumenta a agitação, mas se o sofredor quer aprender, então ele será formado justamente para o eterno.

139. Um homem pode aprender muitíssimo, sem que ele entre propriamente em relação com o eterno. Com efeito, quando um homem, aprendendo, volta-se *para fora*, pode então ficar sabendo muitíssimas coisas, mas não obstante todo este saber, ele pode ser e permanecer para si mesmo um enigma, algo desconhecido. Tal como o vento dirige o poderoso navio, mas o vento não se compreende a si mesmo; tal como o rio faz girar a roda, mas o rio não se compreende a si mesmo: assim também um homem pode realizar o assombroso, abranger uma multiplicidade de saber, sem, contudo, compreender-se a si mesmo. O sofrimento, ao contrário, volta o homem

para dentro [de si]. Quando isto dá certo, o homem não há de se opor, desesperadamente, a isto, não procurará afogar-se a si mesmo e esquecê-lo na distração do mundo, em projetos assombrosos, em saber abrangente, indiferente – se isto dá certo: aí inicia o aprendizado para o interior. E tal como, aliás, se diz da vida escolar, que deve ser mantida afastada do contato com o mundo, cercada e fortificada, tranquila, retirada: assim vale com toda a verdade o mesmo a respeito dessa escola dos sofrimentos, pois ela está no interior, onde o sofrimento ensina, onde Deus é o ouvinte, onde a obediência é o exame exigido.

140. Não existe a obediência fora do sofrimento, a fé não existe fora da obediência, a eternidade não existe fora da fé. No sofrimento a obediência é obediência, na obediência a fé é fé, na fé a eternidade é eternidade.

141. As tarefas, tanto da fé quanto da esperança, e do amor e da paciência e da humildade e da obediência, em suma, todas as tarefas humanas repousam sobre a certeza eterna, na qual têm paradeiro e aprovação, de que Deus é amor.

142. Em todos os momentos letárgicos, uniformes e monótonos, quando o sentido domina uma pessoa, para ele, o cristianismo é uma loucura porque é incomensurável com qualquer razão finita.

143. Ao ler a Bíblia, você deve constantemente dizer a si mesmo: Ele está falando comigo e sobre mim.

144. O que eu realmente preciso é ter clareza sobre o que *eu devo fazer*, não sobre o que eu devo saber, salvo à medida que o saber precede toda ação. Trata-se de compreender o meu destino, de ver o que a divindade realmente quer que *eu* faça; trata-se de encontrar uma verdade que seja

verdade *para mim*, de encontrar a ideia pela qual quero viver e morrer.

145. A angústia é a possibilidade da liberdade. É o medo dessa possibilidade. A angústia é o puro sentimento do possível. Se houver coragem de ir mais além, se constatará que a então realidade será muito mais leve do que era a possibilidade. E o grande salto será o mais difícil, será cair nas mãos de Deus, será a coragem.

146. Angústia pode-se comparar com a vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundeza escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Desse modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se.

147. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese.

O maior perigo, o de perder a si mesmo, pode passar silenciosamente como se não fosse nada; qualquer outra perda, como um braço, uma perna, cinco dólares, uma esposa, etc., certamente será notada.

148. Os maiores e mais importantes problemas da vida são fundamentalmente insolúveis. Eles nunca podem ser resolvidos, apenas superados.

149. O tédio é a raiz de todo mal – a recusa desesperada de ser você mesmo.

150. Se eu desejasse alguma coisa, não desejaria riqueza e poder, mas o sentido apaixonado do potencial, o olho que, sempre jovem e ardente, vê o possível. O prazer decepciona, a possibilidade nunca.

151. A superioridade do homem sobre o animal está em ser suscetível de desesperar.

152. Durante o primeiro período da vida de um homem, o perigo é não correr o risco.

153. Que irônico é que, precisamente por meio da linguagem, um homem possa degradar-se abaixo do que não possui linguagem!

154. Fé e dúvida não são dois tipos de conhecimento: são paixões opostas.

155. Ouça o conselho do seu inimigo.

156. Dizem que a mulher é fraca e que não suporta preocupações e angústias; conviria não perder de vista, no amor, as fraquezas e os defeitos.
Falso! Falso! A mulher é tão forte quanto o homem, se não for mais forte que ele.

157. Mas se o crístico [característica do que é verdadeiramente cristão] é algo tão aterrorizante e apavorante, como alguém pode pensar em aceitar o cristianismo? Muito simplesmente e, se você quiser também, muito "luteranamente": só a consciência do pecado pode forçar alguém, se me atrevo a dizer assim (do outro lado, a graça é a força), a esse horror. E, nesse mesmo momento, o crístico se transforma e é pura clemência, misericórdia e amor. Considerado de qualquer outra forma, o cristianismo é e deve ser uma espécie de loucura, ou o maior de todos os horrores. O ingresso é apenas por meio da consciência do pecado; querer entrar por qualquer outro caminho é alta traição contra o cristianismo.

158. Eis o homem – bem-aventurado é aquele que não se escandaliza, mas acredita que Ele era Deus, o unigênito do Pai, e que este pertenceu a Cristo e pertence àqueles que desejam pertencer a Cristo. Sim, bem-aventurado é aquele que

não se escandaliza, mas crê — bendita vitória — porque a fé vence o mundo, derrotando, a cada momento, o inimigo no próprio ser de alguém, a possibilidade de escândalo. Não tema o mundo, não tema a pobreza, a miséria, a doença, a necessidade, a adversidade, a injustiça das pessoas, suas afrontas e seus maus-tratos; não tema nada que possa prejudicar apenas a pessoa exterior; não tema os que podem matar o corpo, mas tema a si mesmo, tema o que pode matar a fé e, assim, matar Jesus Cristo por você — o escândalo que, com certeza, outra pessoa pode cometer, mas que, no entanto, é uma impossibilidade se você mesmo não se escandalizar. Temor e tremor, pois a fé é transportada em uma frágil vasilha de barro, na possibilidade do escândalo. Bem-aventurado é aquele que não se escandaliza em mim, mas crê.

159. Sim, bem-aventurado aquele que não se escandaliza dele; bem-aventurado é aquele que acredita que Jesus Cristo viveu aqui na terra e que Ele era aquele que dizia

ser, o humilde ser humano, mas Deus, unigênito do Pai, bem-aventurado é aquele que não conhece ninguém a quem recorrer, mas sabe ir até ele.

160. "Bem-aventurado aquele que não se escandaliza de mim!" Ah, se você pudesse ouvi-lo dizer isso e ter uma sugestão do que se passa dentro dele. Para mim, parece que você não poderia estar escandalizado dele; se, do contrário, não tem consciência de quão importante é a sua salvação, se ela mesma lhe escapou, você certamente deve vir a saber disso por causa dele. Tão humano em sua divindade! Com o Pai, Ele sabe desde a eternidade que só assim o gênero humano pode ser salvo: Ele sabe que nenhum ser humano pode compreendê-lo, que o mosquito que voa até a luz da vela não está mais certo da destruição do que aquele que quer tentar compreendê-lo ou o que está unido nele: Deus e o homem. E, ainda assim, Ele é o Salvador, e para nenhum ser humano há salvação exceto por meio dele.

161. O que, em grande medida, ocasionou a ilusão de uma Igreja triunfante é isto: que o cristianismo tem sido considerado verdade no sentido de resultados, em vez de ser verdade no sentido do *caminho*. [...] Se alguém quiser manter em mente a afirmação do próprio Cristo de que a verdade é o caminho, perceberá cada vez mais claramente que uma Igreja triunfante neste mundo é uma ilusão, que neste mundo podemos verdadeiramente falar apenas de uma Igreja militante.

162. Quanto mais alguém está na verdade, mais sofre.

163. Cada vez que uma testemunha da verdade transforma a verdade em interioridade (e está é a atividade essencial da testemunha da verdade), cada vez que um gênio internaliza a verdade de uma maneira original – então a ordem estabelecida de fato se escandalizará dele.

164. O relativo é designar na temporalidade um tempo de recompensa pelo trabalho; o absoluto é somente escolher a eternidade. Mas esta questão da eternidade não está inteiramente fixada para o homem sensato, o homem natural, mesmo o mais competente e, portanto, o absoluto é uma ocasião para escandalizá-lo. O crente vê toda a sua vida como o homem natural vê alguns anos da sua. O homem natural se resigna ao sofrimento per alguns anos — a fim de colher a recompensa; o crente compromete toda a sua vida no tempo.

165. Se há algo que você deseja esquecer, tente encontrar algo para lembrar; então você certamente terá sucesso. Assim, se o cristianismo exige do cristão que esqueça muito, e, em certo sentido tudo, a saber, a multiplicidade, então também recomenda os meios: lembrar outra coisa, chamar à lembrança uma coisa, o Senhor Jesus Cristo. Dessa maneira, se você perceber que os prazeres do mundo o cativam, e você deseja esquecer; se você perceber que as

preocupações terrenas o ocupam tanto que você deseja esquecer; se você perceber que as ocupações da vida o estão levando embora, como a corrente leva o nadador, e você deseja esquecer; se as angústias da tentação o perseguem e você deseja ardentemente conseguir esquecer — então, lembre-se dele, o Senhor Jesus Cristo, e certamente terá sucesso.

166. Aquilo de que o tempo necessita, no sentido mais profundo, se exprime pura e simplesmente em uma só palavra: a eternidade. A desgraça de nosso tempo é justamente se ter tornado exclusivamente 'o tempo', a temporalidade que, na sua impaciência, não quer absolutamente ouvir falar da eternidade [...]. Tornar o eterno absolutamente supérfluo não conseguiria, por toda a eternidade, ter sucesso. Pois, quanto mais se imagina capaz de prescindir do eterno ou quanto mais se endurece nesta arte, tanto mais também, no fundo, a única necessidade é a do eterno.

167. O homem é espírito. Mas, o que é o espírito? É o eu. Mas o eu, o que é? O eu é uma relação entre a alma e o corpo que se relaciona consigo mesma, ou a propriedade que essa relação possui de se relacionar consigo mesma. O eu não é a relação, mas o fato de que a relação se relaciona consigo mesma.

168. Existir, ao que se pensa, não é um negócio, nem, com mais forte razão, uma arte: não existimos todos nós?

169. Onde quer que o subjetivo seja importante no conhecimento, e então a apropriação seja o principal, a comunicação é uma obra de arte.

170. De modo geral, a consciência – quero dizer, a consciência de si – é o elemento decisivo quando se trata do eu. Quanto mais consciência houver, tanto mais também o eu está desenvolvido; quanto mais consciência, tanto mais vontade também; quanto mais vontade, tanto mais

também há eu. Um homem sem vontade não é um eu.

171. Há quem sorria da vida monacal e, no entanto, nenhum eremita viveu no irreal como os homens de hoje.

172. O cristianismo é espírito, o espírito é interioridade, a interioridade é subjetividade, a subjetividade é essencialmente paixão, e em seu máximo paixão que sente um interesse pessoal infinito por sua beatitude eterna.

173. O meu maior desejo sempre foi esclarecer e solucionar o enigma da vida.

174. O que a época precisa não é de um gênio – já teve gênios o suficiente, mas um mártir, que, para ensinar os homens a obedecer, seria ele mesmo obediente até a morte. O que a era precisa é de um despertar. E, portanto, algum dia, não apenas meus escritos, mas toda a minha vida, todo o mistério intrigante da máquina

será estudado e estudado. Nunca me esqueço de como Deus me ajuda e, portanto, é meu último desejo que tudo seja em sua honra.

175. A minha obra de escritor é religiosa em sua totalidade, do início ao fim [...]. O conhecedor verá na origem desta obra um homem que ‘somente quis o Uno’. Compreenderá também que este ‘Uno’ pertence ao domínio religioso, mas do religioso inteiramente absorvido na reflexão, de tal sorte, no entanto, que se despoja depois inteiramente desta última para regressar à simplicidade. Compreenderá assim que o caminho percorrido permite alcançar, chegar à simplicidade. Este é também (na reflexão de que se tratava de fato, primitivamente) o próprio movimento cristão. O cristão não parte da simplicidade para em um segundo momento se tornar interessante, espiritual, profundo, poeta, filósofo etc. Não, é justamente o contrário: ele começa por este último estádio e, a seguir, torna-se

mais simples, chega à simplicidade [...]. Ninguém entra no cristianismo mediante a reflexão, mas ela permite (que a pessoa) se despoje de outra coisa, e se torne cada vez mais simples, se torne cristão [...]. Do mesmo modo, a comunicação é marcada de maneira decisiva com o selo da reflexão, ou ainda: o gênero de comunicação que se utiliza é o da reflexão. 'Comunicação direta' quer dizer comunicar diretamente a verdade. 'Comunicação na reflexão' significa que se usa de engano para levar à verdade. Ora, como o movimento consiste em chegar à simplicidade, esta comunicação deve mais cedo ou mais tarde culminar na comunicação direta. O início, a maiêutica, se caracteriza por uma produção estética e toda a obra pseudônima tem este objetivo maiêutico (Migalhas filosóficas). Aliás, por isso é que ela é pseudônima, ao passo que a obra religiosa, direta, leva o meu nome. O dado religioso, direto, estava presente desde o início [...]. Parti do método maiêutico [...]. Do ponto de vista maiêutico, o movimento visava eliminar 'a

multidão', para chegar ao 'Indivíduo' no sentido religioso.

O centro do pensamento existencial de Kierkegaard

“A relação fundamental entre Deus e um homem é que um ser humano é um pecador, e Deus é o Santo. Confrontado com Deus, um homem não é um pecador nisto ou naquilo, mas essencialmente um pecador, não é culpado nisto ou naquilo, mas essencialmente e incondicionalmente culpado. Mas se ele é essencialmente culpado, então também é culpado o tempo todo, pois a dívida essencial da culpa é tão profunda que ela torna todo acerto direto de contas impossível. Entre dois homens, a relação é tal que um homem pode ter razão em algo e não ter razão em outra coisa; mas uma tal relação entre Deus e um ser humano é impossível, pois se a relação fosse assim, então deus não seria Deus, mas um igual ao homem, e se a relação fosse assim, então a culpa não seria essencial.”

Ao contrário da maioria dos outros grandes filósofos, Kierkegaard (que sequer se intitulava um filósofo) sabia que a vida tinha um sentido e, em temor e tremor, o reconhecia. Ele o expressou numa sentença sucinta: "O eu só pode realizar-se relacionando-se com Deus".

E como se dá essa relação existencial que, por seu caráter paradoxal, transcende, precisa transcender o quieto racionalismo? Através da fé naquele que refunda ou restaura a ponte Deus-homem uma vez rompida, Jesus Cristo. Ele é chamado de pedra de tropeço, pois diante dele se estabelecem duas opções: crer ou escandalizar-se ante seu mistério, seu amor, sua proposta re-conciliadora radical.

Dele diz Kierkegaard: "Eis o homem – bem-aventurado é aquele que não se escandaliza, mas acredita que Ele era Deus, o unigênito do Pai, e que este pertenceu a Cristo e pertence àqueles que desejam pertencer a Cristo. Sim, bem-aventurado é aquele que não se escandaliza, mas crê — bendita vitória — porque a fé vence o

mundo, derrotando, a cada momento, o inimigo no próprio ser de alguém, a possibilidade de escândalo. Não tema o mundo, não tema a pobreza, a miséria, a doença, a necessidade, a adversidade, a injustiça das pessoas, suas afrontas e seus maus-tratos; não tema nada que possa prejudicar apenas a pessoa exterior; não tema os que podem matar o corpo, mas tema a si mesmo, tema o que pode matar a fé e, assim, matar Jesus Cristo por você — o escândalo que, com certeza, outra pessoa pode cometer, mas que, no entanto, é uma impossibilidade se você mesmo não se escandalizar. Temor e tremor, pois a fé é transportada em uma frágil vasilha de barro, na possibilidade do escândalo. Bem-aventurado é aquele que não se escandaliza em mim, mas crê.

[...] Sim, bem-aventurado aquele que não se escandaliza dele; bem-aventurado é aquele que acredita que Jesus Cristo viveu aqui na terra e que Ele era aquele que dizia ser, o humilde ser humano, mas Deus, unigênito do Pai, bem-aventurado é aquele

que não conhece ninguém a quem recorrer, mas sabe ir até ele.”

E o mesmo Kierkegaard pergunta: “Pois o que é que tornava os romanos tão corajosos na batalha, que outra coisa, senão que eles tinham aprendido a temer coisas piores de que a morte. Mas o que é que tornava o crente de modo bem diferente mais corajoso nos perigos da vida terrestre do que qualquer romano, que outra coisa senão que ele conhecia um perigo maior, mas também uma bem-aventurança eterna! E o que torna nossa geração tão temerosa, mesmo nos perigos da vida terrena, que outra coisa, senão que ela não conhece o perigo supremo! E qual é talvez a maior culpa desta geração, qual outra, senão a de que ela não atenta para a bem-aventurança da eternidade. Mas será que os homens conseguirão evitar o castigo? Não diz a escritura: ‘Como escaparão (do castigo), se negligenciam uma tão grande bem-aventurança [salvação]?’” (Hebreus 2.3).

Aquele que esquadrinhou a alma do homem e sua condição existencial como tão poucos, continua: "Há entre o céu e a terra apenas um único caminho: seguir após Cristo; tanto no tempo quanto na eternidade só há uma escolha, uma única escolha: escolher este caminho; só há na terra uma única esperança eterna: seguir após Cristo até o céu. Há na vida uma única alegria bem-aventurada: seguir após Cristo; e na morte uma única última alegria bem-aventurada: seguir após Cristo para a vida.

Ele, o único que pode ajudar e ajudar no que é necessário, que é capaz de resgatar da única doença mortal, no sentido mais verdadeiro, não espera que alguém venha até Ele; Ele vem por iniciativa própria, sem ser convocado — pois é Ele quem os chama; Ele oferece ajuda — e muita ajuda! [...] Aquele que se autodenomina o Salvador, e sabe que o é, diz, preocupado: 'Vinde a mim'":

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu

vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mateus 11:28-30).

O convite de Cristo é o convite do amor extremado, pois é convite do próprio absoluto. E o convite de Cristo é aberto a todos: nada pode impedir aquele que deseja estabelecer relação com o amor que é e oferece a eternidade com Ele próprio. Em sua obra Práticas do Cristianismo, Kierkegaard discorre, com a potência e a poesia que lhe são características, sobre tal formidável convite:

"'Vinde a mim, vós todos!' —Quando uma pessoa está inteiramente certa de que pode ajudar e quando também está disposta a ajudar, quando está disposta a dedicar todo o seu tempo a isso e com cada sacrifício, então, como regra, ela reserva para si mesma uma coisa — fazer uma seleção. Por

mais que uma pessoa esteja disposta, ela ainda não deseja ajudar a todos — ela não se abandonará dessa forma. Mas Ele, o único que, na verdade, pode ajudar e, na verdade, pode ajudar a todos, consequentemente o único que, na verdade, pode convidar a todos, ele não impõe condição alguma. Estas palavras, que parecem ter sido concebidas por Ele desde o início do mundo, Ele de fato diz: 'Vinde a mim, vós todos.'

[...] O Convite está na encruzilhada, onde o sofrimento temporal e terreno colocou sua cruz e chama: 'Vinde a mim, vós todos, pobres e miseráveis [...] vós, desprezados e rejeitados, de cuja existência ninguém, ninguém se preocupa, nem mesmo tanto quanto com um animal doméstico, que tem mais valor! Seu doente, coxo, surdo, cego, aleijado, vinde a mim! – Vós que estais confinados ao leito – sim, vinde a mim também, porque o convite tem coragem de convidar os acamados – a vir! Leprosos! O convite elimina todas as distinções para reunir todos.

[...] vós com o coração doente, vós que, só com a dor, aprendeis a saber que o ser humano tem um coração diferente do animal e o que significa sofrer ali, o que significa que um médico pode estar correto em dizer que alguém tem um coração sadio, mas está partido; vós a quem a falta de fé enganou; vós todos que fostes tratados injustamente, insultados e maltratados; vós todos, nobres que, como todos certamente vos dizem, colheram merecidamente a recompensa da ingratidão...

[...] O convite está na encruzilhada, onde a morte se distingue da vida. Vinde a mim, entristecidos, vós que, oprimidos, cansais na futilidade!

[...] vinde a mim vós também, vós cuja residência foi designada entre os túmulos, vós que, aos olhos da sociedade, sois considerados mortos, mas não fazeis falta, não sois lamentados – nem enterrados, mas mortos – não pertencendo à vida, nem à morte; vós a quem a sociedade humana trancou cruelmente as suas portas e para quem ainda não foi aberta nenhuma

sepultura; vós também vinde a mim, aqui está o descanso e aqui está a vida!

[...] Pode muito bem ser que ainda não sentis necessidade de alívio, não compreendeis realmente o que isso significa; não obstante, aceitai o convite para que quem o invoca vos salve do que é tão difícil e perigoso ser salvo, para que, salvos, estejais com Aquele que é o Salvador de todos, também da inocência. Afinal, mesmo se fosse possível que uma inocência absolutamente pura pudesse ser encontrada em algum lugar, por que não precisaria também de um Salvador que pudesse mantê-la livre do mal? – O convite está na encruzilhada, onde o caminho do pecado se torna mais profundamente pecado. Vinde a mim, vós todos que estais perdidos e sem direção, quaisquer que sejam vossos erros e pecados, sejam, aos olhos humanos, mais desculpáveis e talvez mais terríveis, ou sejam, aos olhos humanos, mais terríveis e talvez mais desculpáveis, sejam revelados aqui em terra ou estejam escondidos e ainda conhecidos no céu – e mesmo se vós

encontrastes perdão na terra, mas nenhuma paz interior, ou não encontraste perdão porque vós não o buscaste ou porque o buscaste em vão: Ó, virai-vos e vinde a mim, aqui está o alívio! – O convite está na encruzilhada, onde o caminho do pecado se fecha pela última vez e desaparece de vista na perdição. Ó, virai-vos, virai-vos, vinde a mim; não recueis diante da dificuldade de recuar, por mais difícil que seja; não tenhais medo do ritmo laborioso da conversão, por mais laboriosamente que conduza à salvação, enquanto o pecado leva avante com velocidade alada, com pressa crescente – ou leva para baixo tão facilmente, tão facilmente, na verdade, como quando o cavalo, completamente aliviado de puxar, não pode parar a carroça, nem mesmo com toda a sua força, correndo abismo adentro. Não vos desespereis com cada recaída, que o Deus da paciência tem paciência de perdoar e sob a qual um pecador certamente deve ter paciência para ser humilde. Não, não temeis nada e não vos desespereis; aquele que diz ‘vinde a mim’ está convosco

no caminho; dele vem ajuda e perdão no caminho da conversão que leva a ele, e com Ele está o alívio.

[...] E Ele não cria dificuldades; Ele faz apenas uma coisa: Ele abre os braços.

Ele percorreu o caminho infinitamente longo de ser Deus até se tornar homem; Ele andou assim para buscar pecadores!

[...] 'Vinde a mim!' Por mais cansado e exausto que estejais do trabalho, ou da longa, longa, e ainda até agora fútil busca por ajuda e resgate, mesmo que pareça que vós não conseguireis dar mais um passo, não podereis continuar mais um momento sem desabar – oh, só mais um passo e aqui está o alívio! – 'Vinde a mim!' Ai se houver alguém tão miserável que não possa vir, oh, um lamento é o suficiente; pois vós lamentais por ele também para vir aqui."

A EQUALIZAÇÃO EXISTENCIAL ALCANÇÁVEL PELA FÉ

O cristianismo oferece ao seu fim paz e libertação das diversas formas de desespero

típicas da situação do homem no devir. Mas o cristianismo também é um teste, uma provação cuja vivência envolve tensão, e sua conquista ou realização, como o filósofo deixa claro, só é obtida por meio da fé.

Fé: Conceito central do pensamento kierkegaardiano e conceito central do cristianismo. A Palavra de Deus diz, laconicamente, "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" (Atos 16.31). *Mas, que significa crer? Como a fé salva?*

1 – A fé acredita que Cristo foi aquele que carregou os nossos pecados – pois, para nós, arcar com seu peso, sua consequência, seria impossível.

Como diz Kierkegaard, "o homem nasceu e vive em pecado; ele não pode fazer nada em favor de si mesmo, pois só é capaz de prejudicar-se a si mesmo." *Assim,* "O SENHOR fez cair sobre ele [Jesus] a iniquidade de nós todos" (Isaías 53.6). *Isto aconteceu há quase 2.000 anos atrás na cruz*

do Calvário. “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2.24). *A pena para o pecado é a morte.* “A alma que pecar, essa morrerá” (Ezequiel 18.20). *Jesus morreu. Deus teve que derrubar a barreira do pecado antes que Ele pudesse lidar com o homem com o benefício da graça. Ele agora oferece a salvação sem dinheiro e sem que se cobre um preço.*

“O SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos”. *Deus não imputa, debita, calcula mais seus pecados sobre você mesmo.* “Não lhes imputando os seus pecados” (2 Coríntios 5.19-21). *Ele agora cobra de Cristo. Tudo foi lançado sobre Ele.*

2 – Fé significa aceitar a Cristo como um presente.

Ninguém jamais sonharia em pagar por um presente, já que no momento em que se paga, deixa de ser um presente. Tudo que você pode fazer é aceitá-lo e dizer “Obrigado”. Você não gastou energia para

alcançá-lo. Assim deve ser com Cristo. Ele deve ser aceito exatamente desta maneira. Da mesma forma que você acredita na sinceridade de quem lhe envia um presente, assim também você deve acreditar que este presente de Deus, Cristo, é genuíno e, aceitá-lo. A fé estende a mão e você a segura. Então o Senhor Jesus Cristo se torna seu Salvador.

"Eis que", *disse Ele,* "estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa" (Apocalipse 3.20). *Em outras palavras, Ele espera do lado de fora da porta de seu coração.*

Sobre tal presente, diz Kierkegaard: "Eis o motivo pelo qual minha voz se elevará no júbilo, mais forte que a voz da mulher que deu à luz, mais forte que o grito de alegria dos anjos por um pecador que se arrepende, mais alegre que o canto dos pássaros ao raiar do dia: pois o que eu procurei, achei; e mesmo que os homens me arrebatassem tudo, mesmo que me excluíssem de sua sociedade, eu conservaria mesmo assim esta alegria; ainda que eu tomasse tudo de volta, conservaria sempre a melhor parte, o

espanto repleto de felicidade que nos trazem o amor infinito de Deus e a sabedoria de seus desígnios."

3 – Fé significa vir a Cristo como um mendigo.

Você se lembra que foi assim que o filho pródigo (Lucas 15.11-32) veio ao pai? Ele não tinha coisa alguma. Seu dinheiro havia acabado. Ele veio em trapos. Ele sabia que não era digno. Ele simplesmente contava com a misericórdia de seu pai. Ele veio como estava. E assim você deve fazer. Não espere estar em condições. Não tente melhorar a si mesmo. Venha como está, afinal de contas não somos nada mais que pecadores.

A salvação é gratuita, mas é preciso realizar o passo e o salto de fé, despir-se da razão objetiva em direção à subjetividade; sim, a razão humana objetiva titubeia diante de Cristo, da manifestação do divino, do absoluto, entre nós. A essa manifestação, evento central do Universo, Kierkegaard

*denomina de paradoxo, algo que, não podendo ser perfeitamente compreendido, pode ser plenamente **vivido**.*

4 – Fé significa confiar em Cristo como um salvador.

Você está se afogando. Alguém lhe joga um salva-vidas. Você ignora? Você o joga para longe de você? Certamente que não. Você se agarra a ele. Você joga seu peso sobre ele. Você confia nele. Isto é fé. Ponha sua confiança no Senhor Jesus, e você será salvo.

Você crê que Jesus disse, "o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6.37), *mas você já "veio"? você crê que,* "a todos quanto o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (João 1.12), *mas, você já o "recebeu"? Você tem que tomar a iniciativa, tomar uma atitude se quiser ser salvo. Como Kierkegaard deixa claro em sua obra, é impossível ficarmos incólumes ao conhecimento de Cristo e de*

sua boa-nova; duas opções inescapáveis se nos apresentam, crermos ou nos escandalizarmos. Citemos novamente o filósofo dinamarquês: "Eis o homem – bem-aventurado é aquele que não se escandaliza, mas acredita que Ele era Deus, o unigênito do Pai, e que este pertenceu a Cristo e pertence àqueles que desejam pertencer a Cristo. Sim, bem-aventurado é aquele que não se escandaliza, mas crê — bendita vitória — porque a fé vence o mundo, derrotando, a cada momento, o inimigo no próprio ser de alguém, a possibilidade de escândalo."

Meu amigo, se você vier do jeito que está, com todas as suas dificuldades e problemas intelectuais, com todas as suas dúvidas e medos, sim, e com todas as suas crenças também – se você vier e receber Jesus Cristo como seu Salvador, você será salvo. Esta é a simplicidade desconcertante, paradoxal, do Evangelho. Esta é a boa-nova em torno da qual, como um eixo central, Kierkegaard construiu seu pensamento.

O que Deus propõe é simplesmente que você aceite a Seu Filho como seu Salvador. E

se você o aceitar, as velhas coisas passarão e tudo se fará novo. Portanto, "escolhei hoje a quem sirvais" (Josué 24.15). *Você fará isso? Faça, ouse, dê o salto de fé que, transcendendo os estágios estético e ético da existência, lhe levará ao estágio religioso, à re-ligação que devolverá sentido à sua vida. Rememoremos a tão conhecida assertiva kierkegaardiana:* "Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder-se."

O convite aqui não é o raso chamado da exterioridade, da cristandade fria, "institucional", tão combatida por Kierkegaard; o convite real da fé é o convite para, tomando consciência de si diante do absoluto, empreender a viagem solitária da subjetividade, cujo fim, e fim para o qual fomos criados, é o relacionar-se com Deus, conforme Kierkegaard tão bem expôs.

Em Cristo, temos a única – e suficiente, e gratuita – possibilidade de vencer o desespero inerente à nossa condição.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHARD, John. Pérolas para a Vida. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

CLERGET-GURNAUD, Damien. Viver Apaixonadamente com Kierkegaard. Petrópolis: Vozes, 2021.

CULT - Dossiê: bicentenário de Kierkegaard. São Paulo: Revista Cult n.179, 2013.

FARAGO, France. Compreender Kierkegaard. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

FIGUR, Elvio Nei. E conhecereis a verdade: a comunicação da verdade religiosa submetida à crítica kierkegaardiana. O caso da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). [recurso eletrônico] / Elvio Nei Figur - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

KIERKEGAARD, Soren. Temor e Tremor. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

KIERKEGAARD, Soren. O Conceito de Ironia. Petrópolis: Vozes, 1991.

KIERKEGAARD, Soren. Práticas do Cristianismo. Londrina (PR): Família Cristã, 2021.

KIERKEGAARD, Soren. Discursos edificantes em diversos espíritos. São Paulo: LiberArs, 2018.

KIERKEGAARD, Soren. Pós-escrito às Migalhas Filosóficas – Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2013.

LACERDA, Nair (Org.). Dicionário de Pensamentos. São Paulo: Cultrix, 1974.

REACHERS, Sammis. Amor, Esperança e Fé: Uma Antologia de Citações. São Gonçalo (RJ): Edição do autor, 2017.

SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. Pensamentos e Mensagens Religiosas. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

SCHMAELTER, Matheus Maia. Tornar-se si-mesmo por meio da fé: a existência religiosa em Søren Kierkegaard / Matheus Maia Schmaelter. 2017.

SMITH, O. J. 5 Passos de Fé [folheto]. São José dos Campos (SP): Missão Interlink, s/d.

STRATHERN, Paul. Kierkegaard em 90 Minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VALLS, Álvaro. Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado: Aforismos, novelas e discursos de Soren Kierkegaard. Porto Alegre: Escritos, 2004.

Wikiquote: Soren Kierkegaard. Disponível em: https://en.wikiquote.org/wiki/S%C3%B8ren_Kierkegaard.

Outros livros GRATUITOS, reunindo frases de grandes autores.
Para baixar, clique sobre as capas.

100 FRASES DE
C.S. Lewis
A SABEDORIA DE UM DOS MAIORES ESCRITORES DO SÉCULO XX

100 FRASES DE
Liev Tolstoi
A SABEDORIA DE UM DOS MAIORES ROMANCISTAS DE TODOS OS TEMPOS

100 FRASES DE
MARTIN LUTHER KING JR.
A sabedoria de um dos maiores líderes políticos do Século XX